

## TOMÁS DE AQUINO E O ADÁGIO “A ARTE IMITA A NATUREZA”

MATHEUS MONTEIRO REDIG DE OLIVEIRA<sup>1</sup>;  
SÉRGIO RICARDO STREFLING<sup>2</sup>;

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – matheus.redig@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – srstrefling@gmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O adágio *ars imitatur naturam* (a arte imita a natureza), muito conhecido pelos escolásticos, tem origem em Aristóteles, segundo o qual: “de modo geral, a arte (*techne*) ou completa o que a natureza não consegue terminar, ou então a imita” (*Física*, 199a). À primeira vista, essa sentença pode induzir a interpretações equivocadas, sobretudo se for tomada por simples afirmação de que a arte replica passivamente as realidades naturais. No entanto, uma análise detida revela que o sentido dessa fórmula é muito mais profundo e mais útil à atividade criadora do artista do que parece. Dessa maneira, nosso propósito neste trabalho é justamente elucidar a noção de que *a arte imita a natureza* com base nos comentários do filósofo dominicano Tomás de Aquino.

### 2. METODOLOGIA

A metodologia adotada neste trabalho consistiu em uma pesquisa de caráter essencialmente bibliográfica, fundada na análise direta de fontes primárias de Tomás de Aquino e em comentadores. Foram examinadas passagens centrais da *Summa Theologiae*, do *Expositio in libros Physicorum* e da *Sententia libri Politicorum* entre outros textos, a fim de esclarecer o sentido do adágio *ars imitatur naturam*. A partir dessa leitura das fontes, o estudo buscou evidenciar como a máxima medieval não deve ser compreendida como mera cópia da realidade sensível, mas como um princípio operativo que integra arte, natureza e criação segundo a ordem da razão.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Atualmente, o significado usual de arte é o de belas-artes, mas no contexto escolástico, essa noção estava associada não necessariamente à beleza, mas à técnica. Segundo Tomás, *ars* é a reta razão no fazer (*recta ratio factibilium*). Nessa definição bastante difundida, encontramos dois elementos: um cognoscitivo (reta razão) e outro produtivo (fazer ou produzir). Ou seja, arte é o uso reto da razão para a produção de obras, que podem ser internas à mente humana (p. ex., silogismos) ou externas (p. ex., edifícios).

E de que maneira a arte – ou seja, a técnica – imita a natureza? Como aponta Edgar De Bruyne (1988, p. 180), para os medievais, essa imitação era mais do que uma simples cópia. O ser humano observa as leis naturais que produzem certos efeitos e, ao segui-las, busca resultados semelhantes por meio do trabalho. Por exemplo, a culinária imita o estômago ao cozinar alimentos com fogo, usando frio e calor como análogo à digestão. O primeiro arquiteto, ao observar a montanha que drena água, criou o telhado inclinado para evitar a umidade que apodrece a

madeira. De forma parecida, o criador roupas ou armaduras copiava a natureza, que protege os seres com camadas como a casca da árvore, escamas dos peixes e penas dos pássaros, reproduzindo suas formas e funções antes de construir os objetos.

Tomás de Aquino deu contribuições relevantes ao tema. Na *Suma Teológica* (I, q.117, a.1), Tomás discute se um ser humano pode ensinar algo a outro (isto é, ser causa do conhecimento em outro). Nessa discussão, Tomás introduz a analogia entre a ação da arte e a ação da natureza. Tomás observa que em certos efeitos há duas causas possíveis: uma interna (natural) e outra externa (artificial). Por exemplo, a saúde de um enfermo pode ser restaurada pela força interna do organismo (natureza) ou pela intervenção externa do médico (arte da medicina). Em tais casos, a arte opera de forma análoga à natureza. Nas palavras do próprio Tomás: “Primeiro, que a arte, na sua operação, imita a natureza; pois, assim como esta cura um enfermo, alterando, digerindo e expulsando a matéria que causa a doença, assim também a arte.” Em outras palavras, o médico imita deliberadamente aquilo que a natureza faz espontaneamente ao curar.

Ademais, Tomás destaca que, quando arte e natureza concorrem para o mesmo efeito, a natureza permanece o agente principal e a arte atua como colaboradora. A causa externa (arte) não age como agente principal, mas como auxiliar do princípio interno natural, fortalecendo-o e fornecendo instrumentos para que ele atinja o fim almejado. No exemplo, o médico auxilia a natureza fortalecendo o corpo e administrando remédios, enquanto a natureza realiza o processo de cura. Essa análise serve de analogia para o ato de ensinar: o professor (causa externa) guia e auxilia o intelecto do aluno (causa interna natural) a alcançar o conhecimento, sem, porém, substituir a luz intelectual própria do aluno. Essa concepção já nos mostra que, para Tomás, “imitar a natureza” significa cooperar com seus processos e orientá-los a um fim, não meramente replicar resultados superficiais.

No *Expositio in libros Physicorum* (Comentários sobre os Livros da Física de Aristóteles) (II, lect. 4, n. 171), Tomás de Aquino analisa diretamente a frase de Aristóteles. Tomás afirma que a “arte imita a natureza” porque o princípio da operação artística é o conhecimento, e todo o nosso conhecimento é adquirido pelos sentidos a partir de coisas sensíveis e naturais (*quia principium operationis artificialis cognitio est; omnis autem nostra cognitio est per sensus a rebus sensibilibus et naturalibus accepta*). Assim, nas obras de arte, operamos de forma semelhante às coisas naturais. A natureza, por sua vez, é imitável pela arte porque é ordenada a um fim por um princípio intelectivo, o que faz com que a obra da natureza pareça ser obra da inteligência, procedendo por meios determinados para fins específicos, e é isso que a arte imita em sua operação.

No Prolôgo da *Setentia libri Politicorum* (Comentário sobre a Política de Aristóteles), Tomás se refere extensivamente à tese da imitação, comparando as operações da natureza a uma espécie de instrução divina: “Ora, o princípio do que é feito segundo a arte é o intelecto humano, que deriva por certa semelhança do intelecto divino, que é o princípio das coisas naturais.”. Tomás estabelece uma analogia entre o intelecto humano e o intelecto divino, agindo como um aprendiz em relação a um mestre de arte. O intelecto humano, ao qual a luz inteligível é derivada do intelecto divino, necessariamente se forma pela inspeção das coisas feitas naturalmente ao criar suas próprias obras. A natureza, portanto, não produz as obras de arte, mas fornece um modelo de operações a ser aplicado pela arte.

Além disso, é interessante notar a compreensão de Tomás sobre a própria noção de natureza. Ainda no supracitado *Expositio in libros Physicorum*, Tomás diz

que a natureza “nada mais é do que a razão de uma certa arte, a saber, divina, implantada nas coisas, pela qual as próprias coisas são movidas para um fim determinado” (lect. 14, n. 8). Ou seja, o universo não é num um espaço caótico e sem sentido, e nem um teatro de marionetes. Ele foi feito segundo a possibilidade e para, num processo ininterrupto de geração e corrupção, manter-se sempre em ordem a seu fim último.

Por fim, convém destacar que, nesse esquema, o elemento criador, inventivo, não é abolido. No que se refere às belas-artes, o intérprete neotomista Jacques Maritain (1974, p. 59-61) afirma que o artista recria e transfigura a natureza. Ele parte de elementos reais que, na sua imaginação, são rearranjados para criar um universo novo. O artista não deforma a natureza, mas a recria e transfigura para harmonizá-la com sua visão particular. O artista humano, cujo intelecto não é a causa das coisas (como o Intelecto Divino), não pode extrair a forma inteiramente de seu espírito criativo. Em vez disso, ele a absorve "no imenso tesouro das coisas criadas, da natureza sensível, bem como do mundo das almas e do mundo interior de sua própria alma" (Idem, p. 59).

#### 4. CONCLUSÕES

Conclui-se, portanto, que o adágio *ars imitatur naturam*, retomado e reelaborado por Tomás de Aquino, não exprime mera reprodução servil e literal da natureza, mas a participação ordenada da razão humana nos processos inteligíveis da criação (*na sua operação*). A arte, enquanto *recta ratio factibilium*, observa e coopera com os princípios internos que regem a natureza, tratando-os como modelos para a produção dos artefatos (incluindo artefatos belos). Ao reconhecer na natureza a inteligência divina, Tomás estabelece a mediação pela qual o intelecto humano, dependente do sensível e derivado do Intelecto divino, pode criar obras que imitam a regularidade e a teleologia do mundo natural sem abdicar do poder inventivo. Assim, a doutrina tomista revela que imitar a natureza é, em essência, compreender sua ordem intrínseca, colaborar com suas operações e, no caso das belas-artes, transfigurá-la criativamente, convertendo o dado sensível em matéria para a revelação de uma forma nova e singular.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES.** **Física.** Traducción y notas de Guillermo R. De Echandía. Editorial Gredos, 1995.
- ARISTÓTELS.** **Poética.** Tradução, introdução e notas de Paulo Pinheiro. São Paulo: Editora 34, 2017.
- DE BRUYNE,** Edgar. **La estética de la Edad Media.** trad. Carmen Santos. Visor: Madrid, 1987
- DE BRUYNE,** Edgar. **Etudes d'esthétique médiévale**, Tome 2. Paris: Éditions Albin Michel, 1998
- ECO,** Umberto. **The Aesthetics of Thomas Aquinas**, translated by Hugh Bredin. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press: 1988
- ECO,** Umberto. **Arte e Beleza na Estética Medieval**, tradução de Mário Sabino, Rio de Janeiro e São Paulo: Editora Record, 2010.
- MARITAIN,** Jacques. **Art and Scholasticism and The Frontiers of Poetry**. Notre Dame and London: University of Notre Dame Press, 1974.
- TATARKEWICZ,** Wladyslaw. **History of Aesthetics: Ancient Aesthetics** (Vol. I). Trans. by Adam and Ann Czerniawski. Mouton: Paris, 1970

TATARKEWICZ, Wladyslaw. **History of Aesthetics**: Medieval Aesthetics (Vol. II).  
Trans. by Adam and Ann Czerniawski. Mouton: Paris, 1970

TOMÁS DE AQUINO. **Suma Teológica**. Trad.: Alexandre Corrêa. Disponível em:  
<<https://permanencia.org.br/drupal/node/8>>. Acesso em: 30 out. 2023

TOMÁS DE AQUINO. **Opera Omnia**. 2004. Disponível em:  
<<http://www.corpusthomisticum.org/iopera.html>> Acesso em: 30 out. 2023.